



A era das inteligências artificiais na reproduibilidade técnica

The age of artificial intelligences in mechanical reproduction

La era de la inteligencia artificial en la reproducibilidad técnica

Anna Carolina de Sá Brum

Centro Universitário Estácio Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

annasajornalista@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-2594-0122>

Resumo

Através de um olhar semiótico para o problema da reprodução de imagens dentro da Indústria Cultural 4.0, este trabalho produz um debate acerca dos impactos da Reproduibilidade Técnica (Benjamim, 2018) sobre os artistas que produzem suas obras no século XXI. Para isso, o artigo recorre a análise de discurso (Bardin, 2016) de artistas através de notícias e entrevistas cedidas por três canais principais de notícia no Brasil. Com isso, entendemos que este debate elenca um problema em que a produção da Inteligência Artificial (IA) e a produção humana se mesclam a ponto de não ser possível definir o que a IA produziu, ocorrendo a perda da aura (Benjamin, 2018). Neste sentido, entendemos que ela sim, reproduz o conhecimento vigente, criando assim uma Reproduibilidade Técnica na Indústria Cultural.

Palavras-chave: Aura. Reproduibilidade. Inteligência Artificial. Indústria Cultural.

Abstract

Through a semiotic look at the problem of image reproduction within the Cultural Industry in the age of 4.0, this work produces a debate about the impacts of Artificial Intelligences (Benjamin, 2018) on artists who produce their works in the 21st century. To achieve this, the article uses discourse analysis (Bardin, 2016) of artists through news and interviews provided by three main news channels in Brazil. With this, we understand that this debate highlights a problem in which the production of Artificial Intelligence (AI) and human production merge to the point where it is not possible to define what AI has produced, the aura is lost (Benjamin, 2018). In this sense, we understand that it does reproduce current knowledge, thus creating Technical Reproducibility in the Cultural Industry.

Keywords: Aura. Reproduction. Artificials Intelligences. Culture Industry.

Resumen

A través de una mirada semiótica al problema de la reproducción de imágenes dentro de la Industria Cultural 4.0, este trabajo produce un debate sobre los impactos de la Reproducibilidad Técnica (Benjamin, 2018) en los artistas que producen sus obras en el siglo XXI. Para lograrlo, el artículo utiliza el análisis del discurso (Bardin, 2016) de artistas a través de noticias y entrevistas proporcionadas por tres principales canales de noticias de Brasil. Con esto entendemos que este debate pone de relieve un problema en el que la producción de Inteligencia Artificial (IA) y la producción humana se fusionan hasta el punto de que no es posible definir qué ha producido la IA, el aura se pierde (Benjamin, 2018). En este sentido, entendemos que sí reproduce el conocimiento actual, creando así Reproducibilidad Técnica en la Industria Cultural.

Palabras clave: Aura. Reproducción. Inteligencia Artificial. Industria Cultural.

Artigo recebido em: 16/06/2024 | Aprovado em: 02/03/2025 | Publicado em: 05/03/2025

Como citar:

BRUM, Anna Carolina de Sá. A era das inteligências artificiais na reproduibilidade técnica. **Tríades em Revista: Transversalidades, Design e Linguagens**, Juiz de Fora: UFJF, v. 14, p. 1-12, e44766, 2025. e-ISSN 1984-0071. DOI: <https://doi.org/10.34019/1984-0071.2025.v14.44766>.



Esta revista está licenciada sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC BY 4.0).



1 Introdução

O debate sobre arte perpassa por vários autores de maneiras distintas. Bourdieu (2021) elencava que a arte perpassa por um campus próprio e, desta forma, possui elementos singulares a serem debatidos. Adorno e Horkheimer (1985) já debatem a arte *mainstream*, arte produzida para as grandes massas, como sendo uma estética cultural industrializada, reproduzida a exaustão em prol de um capitalismo vigente. Dentro destes debates, este trabalho busca na obra de Walter Benjamin (2018) uma definição do que seria obra de arte. Autor do século XX, Benjamin se torna ilustrativo por ser referência para ambos os autores citados acima. Benjamin diversas vezes é elencado como um integrante da escola de Frankfurt, contudo, não teve grandes contatos com os alemães. De toda forma, Adorno, Horkheimer, Lukács entre outros usufruíram de vários trabalhos de Benjamin, incluindo o clássico “A Obra de Arte na Era de sua Reproduibilidade Técnica” escrito em 1935. Nesta obra, Benjamin propôs que uma obra de arte era única a partir do momento que sai das mãos do artista. Benjamin categorizou este fenômeno como sendo Aura. Nas palavras do autor

Pode-se reunir essas características no conceito de aura e dizer: aquilo que se atrofia na era da reproduibilidade técnica da obra de arte é a sua aura. Esse processo é sintomático; seu significado aponta para muito além do campo da arte. Formulado de modo geral, a técnica reprodutiva desliga o reproduzido do campo da tradição. Ao multiplicar a reprodução, ela substitui sua existência única por uma existência massiva. E, na medida em que ela permite à reprodução ir ao encontro do espectador em sua situação particular, atualiza o reproduzido. Ambos os processos levam a um abalo violento do que é transmitido – um abalo da tradição, que é o outro lado da crise e da renovação atuais da humanidade. (Benjamin, 2018, p. 53-54)

Neste sentido, para Benjamin, a obra de arte possui duas posições de produção: criação e reprodução. Para o autor, uma obra de arte que foi criada, produzida nas mãos do artista, tende a ser reproduzida, replicada de alguma forma. Contudo, essa reprodução não carrega em seu bojo todas as perspectivas da criação original. Se perde a sua natureza ao ser reproduzida. O complexo nesta relação de criação e reprodução se dá quando o capitalismo deixa de lado a essência da obra e passa apenas a reproduzir o conteúdo sem alma. Isso era o que Benjamin entendia por Aura (Benjamin, 2018). Esta Aura era a essência da obra, seu *ethos* (Geertz, 1989) que carrega toda sua legitimidade única. O problema ocorre quando a reprodução em massa dessa obra se torna o meio de capital na máquina capitalista e industrial. Ou seja, se antes a produção de uma arte respeitava a sua Aura, isto é, a essência do artista produzindo a legitimidade da obra, agora, a máquina cultural explora o próprio elemento da Aura em busca de produzir consumo. Uma obra de arte possui seu valor pelo Campos que ela existe (Bourdieu, 2021), desta forma, uma obra de arte não possui sentido fora do seu Campos. A Indústria Cultural cria um Campos favorável a existência desta obra. Um exemplo são as obras de Van Gogh, artista do Países Baixos que teve sua Aura retratada em um estilo próprio de pintura. A Indústria Cultural, nos moldes escritos pelos autores da Escola de Frankfurt estabelece que a obra de Van Gogh perde esta Aura no momento que ela passa a ser replicada não no sentido dialético de sua existência, mas somente no sentido mercadológico. Já não há um *ethos* na obra de



Van Gogh, pois, ela se perdeu em meio a reproduções sem “alma” e apenas com fim de consumo. Dentro dessa Aura perdida a Indústria Cultural produz uma reproduibilidade técnica em que a arte pela arte se perde. O Campos (Bourdieu, 2021) artístico perde toda sua Aura ao compreender a arte como meio de produção e não mensagem da arte (McLuhan, 1964).

Partindo dos escritos sobre Aura de Walter Benjamin e debates sociológicos e comunicacionais, este trabalho tem por objetivo traçar como a comunicação social compreende este conceito de Aura e, para além disto, estabelecemos um debate entre arte, direito autoral, Inteligência Artificial e Indústria Cultural para argumentarmos sobre como as obras de arte antigas e atuais perdem a sua Aura ao serem reproduzidas pelo mais novo maquinário da Indústria Cultural: a Inteligência Artificial (IA).

Para isso, partimos de uma definição do que é Aura para Walter Benjamin. Em seguida, traçamos o campo de debate entre Aura e autores da comunicação social sobre arte e inteligência artificial. Logo após, apresentamos a nossa metodologia qualitativa que busca a partir de relatos de artistas atuais como a IA tem reproduzido suas obras e, por fim, traçamos uma conclusão. Nossa conclusão reflete o fato de que, objetivamente, estes artistas tem perdido espaço não só de produção, mas a Inteligência Artificial não recria uma nova arte com base nos artistas, ela copia os traços e tenta “ciar” algo já existente, porém, sem Aura. Dessa forma, concluímos que se torna cada vez mais necessário uma regulação em forma de Lei para suprimir o poderio destas máquinas, pois, tanto artistas como consumidores perdem com a reproduibilidade de obras de arte sem Aura.

2 A Arte pela Arte, a IA pela Arte

O século XXI traz mais problemáticas do que a Paris do século XIX e suas galerias traziam para a Europa intelectual da época de Benjamin. Com as Inteligências Artificiais, é possível criar algo novo com poucos cliques e comandos. Essa criação tende a ser vista como autoral da IA. Entretanto, o que artistas atuais alegam é que essas Inteligências buscam na Aura das obras já existentes meios de reproduzir o que se entende como autoral, entretanto, é só a Indústria Cultural 4.0. Esta Indústria Cultural 4.0 é responsável por expandir os ideários da Indústria Cultural escrita por Adorno e Horkheimer e acopla em seus tentáculos do chthuluceno (Haraway, 2016) a tecnologia como meio de produção de lucros, contudo, produzindo a destruição do social. Diante deste cenário, a Aura da obra se perde, pois já não se trata de uma produção autêntica.

Deve se considerar o contexto em que Walter Benjamin (2018) estava propondo sobre uma de suas teses, nomeada de “A obra de arte na era da reproduibilidade técnica” (Benjamin, 2018). O autor salienta que “a obra de arte foi em princípio sempre reproduzível. Sempre foi possível a pessoas imitar aquilo feito por pessoas” (Benjamin, 2018, p. 50). O pensador da Escola de Frankfurt não conheceu a ferramenta que fosse capaz de superar o humano na reprodução de uma obra de arte: a Inteligência Artificial. Portanto, essa forma de reprodução em massa analisada pelo autor se tratava de jornais e revistas.

O artifício artificial é capaz de reproduzir com precisão obras que estão disponíveis no ciberespaço (Lévy, 1999), porém, como defendido pelo autor,



Mesmo na reprodução mais perfeita *uma coisa* se perde: o aqui e agora da obra de arte - sua existência única no local em que se encontra. No entanto, é nessa existência única, e somente nela, que está realizada a história à qual a obra de arte esteve submetida no decorrer de sua duração. (Benjamin, 2018, p. 53).

Com isso, consideramos que apesar da IA ser capaz de copiar uma obra de arte, ela não é apta para produzir um trabalho artístico com Aura, pois sempre será uma cópia artificialmente criada com base em artistas.

Para Adorno (2008), a arte deveria ser um instrumento de autonomia e reflexão, entretanto, a Indústria Cultural (Adorno; Horkheimer, 1985) se apropria da arte e a transforma em mercadoria. Nessa transformação em produtos mercadológicos, ferramentas de Inteligência Artificial fazem as engrenagens do capitalismo girarem cada vez mais rápido, pois a reproduibilidade das obras está disponível em poucos cliques e comandos para uma máquina.

A possibilidade de reprodução em massa, principalmente em uma era dominada por Inteligência Artificial capaz de reproduzir obras, demonstra que, assim como no campo literário na análise de Bourdieu (1996), uma parcela do público (que tenha capital para as relações de mercado da arte) terá acesso a arte “pura”, como destacado pelo autor,

A partir daí, o campo literário tende a organizar-se segundo dois princípios de diferenciação independentes e hierarquizados: a oposição principal, entre a produção pura, destinada a um mercado restrito aos produtores, e a grande produção, dirigida para a satisfação das expectativas do grande público, reproduz a ruptura fundadora com a ordem econômica, que está no princípio do campo de produção restrita; ela é cortada novamente por uma oposição secundária que se estabelece, no interior mesmo do subcampo de produção pura, entre a vanguarda e a vanguarda consagrada. (Bourdieu, 1996, p. 141)

No que tange à ordem econômica, os programas geradores de imagens interligados com Inteligências Artificiais tornam a produção da arte sem Aura em uma nova forma de mercado, o qual produz imagens com base em bancos de dados sem creditar os verdadeiros produtos da obra.

Tendo esta literatura como base, passamos a pensar como a Indústria Cultural 4.0 engloba a Inteligência Artificial destruindo assim a Aura das obras de Arte. Para isso, apresentamos uma metodologia qualitativa que busca na voz dos artistas um caminho para este debate entre reproduibilidade das Inteligências Artificiais e a Aura que somente os artistas têm o poder de produzir.

3 Metodologia

Essa investigação tem por objetivo traçar uma pesquisa qualitativa com abordagem exploratória e os procedimentos de pesquisa são de ordem bibliográfica e documental, a partir dos dados elencados através da base teórica. Como método, elencamos a pesquisa bibliográfica e documental, visando entender como se estabelece a relação dos artistas com o uso de Inteligência Artificial no cenário artístico, compreendendo a falta de legislação sobre as máquinas. Para isso, elencamos os pensadores críticos sobre as ferramentas de IA e suas possíveis



contrariedades. Portanto, para este trabalho, buscamos propor uma análise qualitativa com enfoque em bibliografia e análise do discurso (Bardin, 2016). Em um primeiro momento estabelecemos a nossa base teórica acerca dos temas de arte e Inteligência Artificial. Deste modo, abordamos o conceito de Aura, já debatido na introdução e correlacionamos com os autores da área de Comunicação, em especial McLuhan (1964) Adorno e Horkheimer (1985) e Lévy (1999). Em seguida, elencamos autores que versem sobre o tema de Inteligência Artificial, como Dora Kaufman (2024), Jaron Lanier (2020), Jorge Franganillo (2023) e Nina da Hora (2022).

Após a produção de uma base teórica, nosso trabalho busca analisar os discursos dos artistas atuais e como eles compreendem os impactos das novas tecnologias, em especial a Inteligência Artificial, em suas carreiras. Para isso elencamos três matérias produzidas pelo Uol, Época/Globo e BBC Brasil. As notícias foram produzidas entre 12 de janeiro até 20 de julho de 2023.

A primeira reportagem escolhida para a análise foi a UOL (2023), a qual expressa a angústia dos artistas por não terem “consentimento, crédito ou compensação” (UOL, 2023) por seus trabalhos que são copiados por programas de Inteligência Artificial. A segunda matéria da Época/Globo trata sobre o uso dessa tecnologia se estendeu até em programas de edição de imagem e vídeo, como a Adobe que foi criticada por vender ilustrações criadas por IA, mas com banco de imagens de seus usuários (Faustino, 2023). Por fim, a terceira matéria, a da BBC Brasil (2023) traça um panorama com diversos artistas gráficos que manifestam a necessidade de regulamentar os programas de Inteligência Artificial que utilizam as artes desses artistas para a construção de bancos de dados e consequentemente, na elaboração de um produto gerado artificialmente.

A escolha destes matérias se deve ao prazo para a coleta e interpretação dos dados para este trabalho em virtude ao que estava em voga nas pesquisas relacionadas ao tema central deste trabalho. No primeiro momento foi feito uma pesquisa de matérias jornalísticas sobre o uso de Inteligência Artificial no cenário artístico, para entender como essa utilização das máquinas artificialmente inteligentes estava sendo empregada na arte. Após a coleta destes materiais, debruçamos as pesquisas para a área acadêmica, buscando em pesquisadores da Comunicação e de Inteligência Artificial uma possível resposta para a nossa questão principal: qual o impacto do uso das Inteligências Artificiais na Era da Reproduibilidade Técnica (Benjamin, 2018)?

4 A Aura na Era da Inteligência Artificial

“Você é apenas uma máquina, uma imitação da vida. Consegue compor uma sinfonia”. Um robô consegue pintar um belo quadro?”, questiona o Detetive Del Spooner. Sonny, um robô, o confronta respondendo: “Você consegue?”¹ O diálogo faz parte do filme “Eu, Robô” (2004), com direção de Alex Proyas. O filme, que é baseado na obra, de mesmo título, de Isaac Asimov (1950). Asimov foi um escritor de ficção científica que “previu” tecnologias como celular, ligação por vídeo, dentre outros. Na atualidade, caso este diálogo tivesse ocorrendo na nossa realidade, Sonny teria mérito de responder que “sim, ele conseguiria”.

Nesse cenário, a autoria do autômato não era um fator determinante para cunhar o que seria uma produção ou reprodução de conteúdo. Fora das telas do

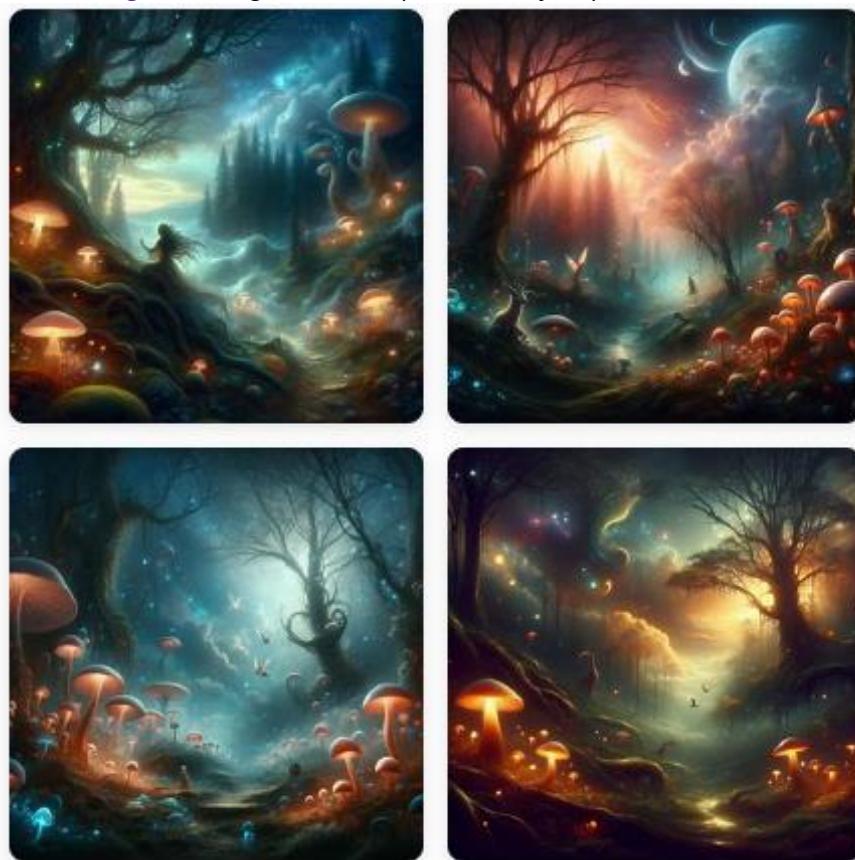


audiovisual, a distinção entre o que foi produzido por um humano ou por uma máquina está em uma disputa no que tange o direito autoral, tendo em vista que artes produzidas por pessoas se tornam banco de dados para programas de Inteligência Artificial.

Com base nas matérias jornalísticas que foram analisadas neste trabalho, podemos observar que artistas se sentem roubados por terem suas obras nos bancos de dados dessas inteligências artificiais. Assim, créditos e pagamentos não são repassados para os artistas e as grandes empresas é que acabam lucrando com a reprodução de uma arte sem vida, que parte da Aura dos artistas, porém, os criadores destas Auras não são (re)conhecidos. Dentre esses casos, está o artista gráfico Greg Rutkowski que em entrevista à *BBC News*, salientou que “minha obra foi copiada por IA mais do que a de Picasso.” (Hutchinson; Jonh, 2023). Rutkowski percebeu que seu nome era usado como *prompt* (comando) para a criação de imagens feitas por ferramentas de Inteligência Artificial.

Para fins de análise, solicitamos o programa de Inteligência Artificial da *Microsoft*, o *Copilot*, que “criasse uma imagem no estilo do Greg Rutkowski”, ou seja, uma arte que possui um cenário mágico, com referências em jogos de alta fantasia, onde é a base de trabalho de Rutkowski. A ferramenta, da empresa de tecnologia, *Copilot*, gerou em segundos as quatro ilustrações, conforme a Figura 1.

Figura 1: Imagens Geradas pelo *Microsoft Copilot*



Fonte: dos autores², 2023.



A ferramenta indica possibilidades de inserir novos elementos gráficos neste cenário nas imagens, mas para preservar o direito autoral de Rutkowski, os autores não deram continuidade. Salientamos que o programa da *Microsoft* oferece esse recurso de criação de imagens e texto de forma gratuita, sendo um dos motivos para definir a escolha do programa.

Observando o material gráfico produzido pelo artista gráfico Greg Rutkowski, e disponibilizado na entrevista da *BBC News*, é possível perceber que a IA é capaz de reproduzir uma imagem similar à do artista, como expressa a Figura 2.

Figura 2: Imagem de Greg Rutkowski



Fonte: Greg Rutkowski (BBC News³), 2023.

Neste sentido, analisando as imagens geradas pela Inteligências Artificiais e as discussões levantadas nas reportagens, ainda se torna possível o uso do *prompt* de imagens, como por exemplo, o nome de Rutkowski. O problema, neste caso, é que o artista está sendo copiado, sem ser devidamente creditado por sua obra.

Conforme observado nas imagens geradas pela Inteligência Artificial, a máquina reproduz o que o humano pediu, podendo ser um facilitador em algumas tarefas, entretanto, conforme salientado por Franganillo,

Esses aplicativos podem melhorar a produtividade, a acessibilidade e a diversidade do conteúdo de mídia eletrônica, além de conteúdo automático. Também levanta importantes desafios éticos, legais e sociais relacionados com a veracidade, autoria, transparência, responsabilidade ou impacto na opinião pública. Os recentes avanços na IA apresentam, consequentemente, um panorama complexo onde surgem oportunidades, mas também certas limitações que devem ser observadas. (Franganillo, 2023, p. 3) (tradução nossa)

Esses desafios éticos apontados pelo professor da Universidade de Barcelona, Jorge Franganillo (2023), demonstram a falha na proteção dos dados inseridos no ciberespaço (Lévy, 1999), comprovando a necessidade de regulamentação das empresas de tecnologia e Inteligência Artificial.

A necessidade da criação constante de novos produtos pela Indústria Cultural (Adorno; Horkheimer, 1985), faz com que as ferramentas de Inteligência



Artificial ganhem força no sistema capitalista, como exemplificado pela Cientista da Computação, Nina da Hora,

A indústria de IA está presa em um ciclo de inovação acelerada, negligenciando a ética. Na corrida para lançar o próximo modelo “revolucionário”, a qualidade e a responsabilidade são sacrificadas pela pressa. Sistemas inadequadamente testados para vieses e impactos culturais são lançados sem supervisão ética padronizada, e decisões críticas estão nas mãos de empresas focadas em lucro. (Hora, 2024).

Portanto, se torna necessário o debate sobre as regularizações do direito de imagens, principalmente quando essas obras, ou seus criadores se tornam alvos de empresas de tecnologia e de Inteligência Artificial. Autores como o próprio Greg passam a ser vítimas deste sistema que suprime a Aura das suas artes, pois

(...) enquanto os interessados ainda não tenham negociado um acordo satisfatório, mas cujas possibilidades ilimitadas prometem intensificar a tal ponto o empobrecimento dos materiais estéticos que a identidade apenas ligeiramente mascarada de todos os produtos da indústria cultural já amanhã poderá triunfar abertamente. (Adorno, 2009, p. 8)

Tendo em vista a reprodutibilidade em uma era de Inteligência Artificial, o empobrecimento do conteúdo e a perda da Aura se mostra cada vez mais evidente, destacando que o produto que outrora poderia ser apreciado em museus, por exemplo, se torna estampa de produtos estéticos para o capitalismo.

A contrariedade da Inteligência Artificial ser um programa capaz de aprender com base em bancos de dados e conseguir gerar produtos com base em comandos demonstra que a máquina não precisa de um auxílio humano para se desenvolver. Todavia, esses dados que a máquina possui acesso são pertencentes aos humanos que produzem, com isso, se torna necessário uma regularização para que as empresas de tecnologia e IA que usam as informações que estão disponíveis no ciberspaço (Lévy, 1999), sejam transparentes em informar quais dados estão sendo coletados. Para Jaron Lanier (2020),

Para aqueles que temem que trazer a coleta de dados para a luz do dia do comércio reconhecido irá encorajar uma cultura de vigilância onipresente, devemos salientar que é a única alternativa a tal cultura. É somente quando os trabalhadores são pagos que eles se tornam cidadãos por completo. (Lanier, 2020).

Elucidar quais dados e como são coletados para treinamento de Inteligência Artificial se torna indispensável ao observar as discussões traçadas neste trabalho. Assim, artistas que se sentem roubados poderão contestar as empresas responsáveis para chegarem a um acordo.

No cenário brasileiro, a pesquisadora Dora Kaufman (TV Senado, 2024) salienta que o uso de Inteligência Artificial deve ser regulamentado, principalmente em cenários políticos, explicando que as imagens geradas por IA podem gerar equívocos em diversos setores. Kaufman também indica a necessidade de que haja uma educação frente a IA, para que os usuários tenham consciência sobre essa ferramenta (TV Senado, 2024). Isso se mostra cada vez mais importante tendo em vista que as máquinas estão cada vez mais capacitadas em criar novos produtos



com base em informações disponíveis no ciberespaço (Lévy, 1999), deixando os criadores sem os devidos créditos e remunerações.

Com base nisso, o projeto de Lei Nº 2338, de 2023, busca indicar normas para o uso e a implementação das ferramentas de Inteligência Artificial no Brasil. O relatório está em tramitação durante o desenvolver deste trabalho, portanto, não é possível tecer conclusões definitivas sobre este projeto. Entretanto, tendo em vista as disposições preliminares desta Lei, esperamos que possa ser uma garantia no que tange os direitos autorais e a proteção de dados que estão sendo usados por empresas de tecnologia para treinamento das ferramentas de IA.

5 Considerações finais

Diante disso, é importante refletir sobre o uso dessas IA's no cotidiano, pois ainda é muito frágil o entendimento do que foi produzido por um humano ou por uma máquina. Também é importante ponderar sobre o acesso dessas inteligências aos conteúdos que estão expostos no ciberespaço (Lévy, 1999), pois as obras de artistas reconhecidos ou não, que estejam dentro das redes acabam sendo usadas como base para novas criações das IA's, mesmo que sem uma autorização. Portanto, entendemos que se faz necessário uma abordagem política através de projetos de leis e legislações que tenham como objetivo respaldar os artistas e suas obras, para assim, preservar a aura de cada obra de arte, bem como o aspecto financeiro para o artista.

Entendemos que nos tempos atuais, produzir algum material que seja gráfico ou textual é sempre perpassado por uma máquina, seja para a coleta dos materiais até a produção da peça. A relação entre humano com a máquina deve ser de cooperação. O que percebemos com os discursos dos artistas aqui retratados é que essa cooperação não existe. Atualmente, a máquina recebe o crédito e se torna detentora de uma “criatividade intelectual” da qual as Inteligências Artificiais não possuem. Ela só é capaz de agrupar dados. Dessa forma, concluímos que a cooperação aqui não se trata simplesmente de um uso em conjunto, mas sim de reconhecimento da influência que estas máquinas possuem. O capitalismo vende a Aura da Inteligência Artificial como criadora, contudo, ela é na verdade uma copiadora de criações.

Portanto, ao observar as questões levantadas neste artigo, entendemos que se faz necessários novos estudos sobre a apropriação e criação dos bancos de dados de empresas de Inteligência Artificial e como o Poder Judiciário poderá implementar medidas que atendam as demandas dos artistas que se sentem roubados por essas empresas que se apropriam dos bens que estão disponíveis no ciberespaço (Lévy, 1999) para a criação de algo criado artificialmente. A necessidade de regulação torna-se cada vez mais necessário, haja vista como as grandes corporações tem vendido a ideia de uma Inteligência Artificial inventiva, que, como já esclarecemos ela não é. Destacamos que as regulações e novos trabalhos nesta área são necessários, pois, a perda da Aura com o passar do tempo não será apenas em obras de arte. Sem regulação, haverá um dia em que Inteligências Artificiais estarão reclamando titularidade em artigos científicos sem uma Aura da pesquisa, apenas no sentido de poder dizer que criou algo, entretanto, excluindo os pesquisadores.



Referências

- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas. In.: ADORNO, Theodor.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ASIMOV, Isaac. **Eu, Robô**. São Paulo: Aleph, 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia Geral vol. 2: Habitus e campo**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- EU Robô. Direção de Alex Proyas. Los Angeles: 20th Century Fox, 2004. 114 min.
- FAUSTINO, Rafael. Artistas protestam contra uso de suas obras para alimentar inteligência artificial. **Época Negócios**, São Paulo, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2023/01/artistas-protestam-contra-uso-de-suas-obras-para-alimentar-inteligencia-artificial.ghtml>. Acesso em 19 set. 2023.
- FRANGANILLO, Jorge. La inteligencia artificial generativa y su impacto en la creación de contenidos mediáticos. **metaodos.revista de ciencias sociales**, v. 11, n. 2, p. 1 – 17, set 2023.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCon Cultura Científica**, v. Ano 3, n. 5, p. 139-146, abr. 2016.
- HORA, Nina da. Entre a utopia e a realidade: Os desafios práticos da Equidade na implementação de IA Generativa. **MIT Technology Review**. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/entre-a-utopia-e-a-realidad/>. Acesso em: 10 out. 2024.
- JOHN, Phil.; HUTCHISON, Clare. 'Minha obra foi copiada por IA mais do que a de Picasso'. **BBC News Brasil**, São Paulo, 20 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqq42vdygqxo>. Acesso em: 19 set. 2023
- LANIER, Jaron. IA é uma ideologia, não uma tecnologia. **Wired**. Disponível em: <https://www.wired.com/story/opinion-ai-is-an-ideology-not-a-technology/>. Acesso em: 12 out. 2024.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.
- MICROSOFT. **Microsoft Copilot**. Microsoft. Disponível em: <https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-copilot/personal-ai-assistant>. Acesso em: 10 out. 2024.
- BRASIL. Projeto de Lei nº 2338/2023 que dispõe sobre o uso da Inteligência Artificial. **Diário do Senado Federal**: nº 66, Brasília, DF, p. 295-399, mai. 2023. PL 2338/2023. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleggetter/documento?dm=9347622&ts=1726246471835&disposition=inline>. Acesso em: 10 out. 2024.
- TV SENADO. Especialista em inteligência artificial, Dora Kaufman defende regulamentação das novas tecnologias. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G_bfwWuOY6c. Acesso em: 10 out. 2024.



UOL. Artistas lutam contra programas de IA que copiam seus estilos. **Tilt Uol**, São Paulo, 29 mar. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/afp/2023/03/29/artistas-lutam-contra-programas-de-ia-que-copiam-seus-estilos.htm>. Acesso em: 20 set. 2023.

Notas

¹ Trecho do filme *Eu, Robô* (2004), dirigido por Alex Proyas.

² Imagens geradas através da ferramenta de Inteligência Artificial no site da Microsoft Copilot. Disponível em: <https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-copilot/personal-ai-assistant>. Acesso em: 11 out. 2024.

³ Matéria disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqq42vdygqxo>. Acesso em: 11 out. 2024.

Informações complementares

Financiamento

Não se aplica.

Contribuição de autoria

Concepção e elaboração do manuscrito: Anna Carolina de Sá Brum.

Coleta de dados: Anna Carolina de Sá Brum.

Análise de dados: Anna Carolina de Sá Brum.

Discussão dos resultados: Anna Carolina de Sá Brum.

Revisão e aprovação: Anna Carolina de Sá Brum.

Preprint, originalidade e ineditismo

O artigo é original, inédito e não foi depositado como *preprint* (Caso o artigo não tenha disso publicado anteriormente).

Verificação de similaridades

O artigo foi submetido ao iThenticate, em 2 de março de 2025, e obteve um índice de similaridade compatível com a política antiplágio da Tríades em Revista.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesse

Não há conflitos de interesse.

Conjunto de dados de pesquisa

Não há dados disponibilizados.

Utilização de ferramentas de inteligência artificial (IA)

Este artigo não contou com auxílio de ferramentas de inteligência artificial (IA) para redação de nenhuma das seções.

Licença de uso

Os autores cedem à Tríades em Revista: Transversalidades, Design e Linguagens os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a



Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). Publicação no Portal de Periódicos da UFJF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Editores

Frederico Braida; Vera Lúcia Nojima.

Formato de avaliação por pares

Revisão duplamente cega (*Double blind peer review*).

Sobre os autores

Anna Carolina de Sá Brum

Graduada em Jornalismo (UNESA).

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3922749602610678>